

29^{as} Jornadas Clínicas da
Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio e do
Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro

**Lógicas coletivas
nos tempos que correm
04 e 05.11.22**

Freud e as lógicas coletivas: a China e a Primavera Árabe

Por Cleyton Andrade

As Jornadas da Seção Rio de Janeiro de 2022 poderiam ser um bom exemplo do conceito freudiano de sobredeterminação. Elas expressam o desdobramento de questões que vem sendo tratadas nesta seção há alguns anos, sendo já, desde aí, um produto coletivo. Como também tem um traço da atual coordenação de Ana Lúcia Lutherbach, que fez do próprio significante *coletivo* sua forma, conteúdo e metodologia de trabalho. A própria ideia de *coletivo*, que guarda vizinhança com temas como movimentos sociais, sejam eles antirracistas, feministas, de classe, bem como com a política, além de tantos outros, são ao mesmo tempo, necessários ao debate na cidade, quanto difíceis de serem tratados.

Como uma contribuição rápida e inicial aos trabalhos, farei considerações ou notas indicativas de alguns pontos que me parecem relevantes no texto freudiano de 1921, *Psicologia das massas e análise do Eu*. Tentarei fazer isso em dois tempos: na primeira parte, sete ou oito notas extraídas do texto, e na segunda algumas notas extraídas da história e da cultura, como fenômenos que interroguem a primeira parte.

Vale dizer, como uma precaução de leitura, que tomarei partido. O de Freud. Com isso quero dizer que seguirei, dentro do possível, os termos e conceitos freudianos. A começar pela massa. Freud não faz uma distinção entre massa e coletivo. Tal distinção se tornou importante dentro de uma reflexão lacaniana, mas Freud, neste texto, toma massa, coletivo, social, como sinônimos. Psicologia das massas poderia muito bem ser chamada de Psicologia social. Neste ponto, ele acolhe o termo que já aparece em *Le Bon*, sem questioná-lo.

Há um norte a ser seguido: a aproximação entre individual e social é um modo de dizer que, para ambos, se coloca a questão dos caminhos por onde se busca a satisfação pulsional. A psicologia das massas é, em suma, um desenvolvimento da teoria do narcisismo e da teoria da libido. Meu interesse é marcar que há um aspecto eminentemente social, tanto na satisfação quanto na própria pulsão.

Nota 1: o primeiro aspecto que quero salientar é a *urgência*. A condição da pressão da pulsão em busca de satisfação, de apaziguamento. Temos o caminho da renúncia pulsional pela via dos ideais, e o caminho da urgência. Vale dizer que a massa pode ser tanto um caminho de suspensão da moralidade, quanto o caminho da moralização. Freud destaca que a moralidade da massa supera a moralidade dos indivíduos, e que só as coletividades são capazes de altruísmo e devoção elevados.

Uma observação perpassará todos os meus comentários e dá o tom desta leitura. Ela pode ser encontrada na página 153 do texto, nas *Obras Incompletas de Sigmund Freud*: o coletivo como elemento de construção social e política. É o *entusiasmo* que torna possível as mais grandiosas realizações das massas. Todas as grandes transformações da história decorreram de movimentações das massas, não foram ações individuais. O entusiasmo aqui em Freud, em nada se parece com o encantamento. Ele se coloca mais ao lado da *urgência*. Ou seja, penso que *urgência* e *entusiasmo* são noções convergentes e essenciais para uma reflexão sobre as massas e sua potência como agente de discursos disruptivos.

Freud indica que usualmente o trabalho intelectual é uma atividade solitária, embora surpreenda ao dizer que não só as grandes mudanças decorrem do *entusiasmo* na coletividade, como também a massa é capaz de criações intelectuais geniais. Por exemplo o saber da língua, que já havia demonstrado

com apuro filológico no início do texto de 1919, *O Infamiliar*; assim como nas canções populares, folclore, etc. O pensador e o poeta poderiam ser consumidores de um trabalho coletivo do qual eles fizeram parte, sabendo articular esse trabalho em um sistema de significantes. Em resumo, a massa pode produzir significantes, ela não é mera aglutinação de S2, nem esterilidade.

Nota 2: Freud recolhe de MacDougall que o afeto é o aspecto mais importante na massa. Uma crítica social e política que se pretenda advertida deve considerar uma certa política dos afetos.

Nota 3: A massa não é um conjunto de sujeitos. Ela é organizada ao modo de um sujeito. Primeira conclusão disso é que massa também se refere às formas organizadas, e não apenas espontâneas e desorganizadas. A segunda é que, ao se organizar, a massa adquire as características do Eu, do sujeito. Há uma equivalência entre ambos, a massa é um sujeito. Diria eu, um sujeito social, um sujeito político. Resta ainda perguntar o que faz de uma massa um sujeito social e político. Talvez o entusiasmo, a urgência, sob determinadas condições possa resultar, por exemplo, num sujeito político, não constituído por um significante prévio. Um sujeito político como efeito de um ato, do real.

Nota 4: Tarde, Le Bon, MacDougall e Berheim, enfatizavam a sugestibilidade. Freud, entretanto, faz um deslocamento do conceito de sugestão para o conceito de libido. Mais uma vez uma extração da doutrina das psiconeuroses sendo uma referência para pensar e entender o coletivo. Não como modelo ou padrão de conduta a ser seguido. A teoria sobre a clínica não entra como uma normatividade escalonada para uma leitura do coletivo, mas como um instrumento que permita compreender a massa, naquilo que lhe é próprio. A experiência do coletivo, como sujeito político, não é um déficit em relação àquilo que caracteriza a experiência analítica, só é outra coisa.

A libido freudiana que provém da doutrina da afetividade como uma grandeza quantitativa com raízes desde o *Projeto de 1895*, está na base para a próxima observação.

Nota 5: Eros está na base das relações amorosas que são a essência da alma das massas. A forma mais antiga de ligação amorosa com outra pessoa é aquilo que chamamos de identificação, e que tem como objeto a configuração do próprio

Eu. Portanto, pensar Eros na estrutura das relações que constituem as massas, é um modo de compreender o regime que a unifica. Esse é um dos pontos centrais no texto que Freud publicara um ano antes, em 1920, *Além do princípio de prazer*. Tanto lá quanto aqui, Eros é o nome da força que incide sobre o que está desconectado, desarticulado, que promove um laço e permite outro rumo. O elemento necessário para pensar o que está para além do princípio de prazer é o mesmo para pensar a massa.

Nota 6: O Exército e a Igreja não são meros exemplos de duas massas organizadas. Não são referentes. São dois tempos, dois modos de organização da massa e das relações desta com o líder. Em cada uma delas o líder exerce uma função e tem efeitos distintos. A perda da liderança no primeiro produz um efeito de dispersão e pânico. Na segunda, violência.

Nota 7: Sem que seja uma resposta à indagação da nota anterior, mas ainda assim, em parte, um desdobramento de perguntas sobre o líder e a massa, deslocarei o líder para a ideia de significante mestre. Ou seja, a pergunta passa a ser: qual o lugar do S1 na massa?

Com isso quero dizer que podemos pensar por um lado, a massa como se constituindo em torno e a partir de um S1, e por outro, a massa produzindo ou sendo capaz de produzir um S1, sendo constituída por uma *urgência/entusiasmo*.

Materialidades históricas

Agora passarei para a segunda parte das minhas considerações, procurando recortar alguns fragmentos históricos que possam colocar à prova o que foi dito até aqui. Começo por uma referência feita por Lacan, direta e indiretamente, nas primeiras lições do seminário 18. Ali aparece a noção chinesa de *Mandato do Céu*. Apesar da significação dada apressadamente por uma leitura ocidental de referências judaico-cristãs, não é um conceito teológico, religioso. É um conceito político. Ele marca uma ruptura. Com uma história de aproximadamente quatro mil anos, ele indica uma passagem do caos para a ordem. Dizendo de forma rápida e abreviada, sua introdução, feita por Confúcio, remete à passagem da dinastia Shang para a dinastia Zhou. Os fragmentos do texto usado por Lacan

neste seminário, abordam, dentre outras coisas, o tratamento dado às enchentes que causavam enormes prejuízos numa sociedade agrária. Alguns fenômenos foram historicamente responsáveis pela queda das dinastias chinesas: invasões bárbaras, lutas entre famílias “feudais”, grandes enchentes e a insatisfação das massas rurais com levantes camponeses. Estes últimos sempre foram forças disruptivas importantes. As enchentes e as insurgências rurais eram sinais de que o Mandato do Céu deveria ser questionado, podendo indicar que aquela dinastia havia perdido seu mandato.

O conceito político de Mandato do Céu foi um significante produzido como efeito da queda da primeira dinastia chinesa, e foi reiterado em alguns momentos durante esses quase quatro mil anos de história. A última dinastia chinesa, por exemplo, perdeu seu mandato praticamente pelos mesmos motivos, em 1911. Vale dizer que quatro milênios e aproximadamente quatorze dinastias não mudaram a estrutura social agrária da China.

Segunda nota histórica: O que provocou o fim da última dinastia chinesa em 1911/1912? A dinastia Qing era de uma etnia minoritária, Manchu, sendo considerada estrangeira pela maioria Han. Ela se mostrou passiva frente à invasão europeia e à chamada humilhação da guerra do Ópio, concessão territorial a países europeus; e obviamente por dois grandes levantes da massa rural que foram desfeitos com a ajuda dos estrangeiros. Em síntese, essa soma de fatores como invasões bárbaras europeias, levantes populares destruídos com a aliança de dois “estrangeiros” (manchus e europeus), e os graves efeitos da guerra do ópio, tiveram como efeito um forte movimento nacionalista que derrubou o império em 1911 e fundou a República da China.

Terceira nota histórica: Alguns territórios chineses estavam de posse da Alemanha, derrotada na Primeira Guerra Mundial. Fato que não resultou na retomada deles e restituição da soberania chinesa, e sim em nova concessão, agora ao Japão. País que já havia invadido a China. Essa situação insustentável resultou numa manifestação popular de base estudantil que entrou para a história como o Movimento de Quatro de Maio. Quarta nota histórica: boa parte destes estudantes fundará o Partido Comunista Chinês dois anos depois, em 1921, ano em que Freud publica *Psicologia das massas e análise do Eu*.

Passemos para a próxima nota, a quinta: O Partido Comunista Chinês seguia os significantes da revolução russa de 1917. Seus significantes mestres indicavam uma revolução operária ocorrida nas cidades. Esse partido formado em torno de significantes revolucionários russos tinha como base social o operariado, num país em que eles eram em muito menor número do que na Rússia. Um país agrário de população camponesa explicitava essa contradição cujas ideias dificultavam a compreensão. Num dos momentos de conflito e guerra civil com o Partido Nacionalista Chinês, o *Kuomintang* (ou *Zhongguó Guómíndang*), os comunistas chineses foram obrigados a fugirem para o campo, para se esconderem. Consequentemente, se envolverem com a população agrária. Essa contingência reconfigura as bases sociais de sua prática. Do ideal de uma base operária, ocorre o deslocamento para uma base social do campesinato. Mao é o nome que encarna a materialidade histórica desta reconfiguração. Um consumidor do trabalho coletivo. Em 1949 ele instaura a República Popular da China.

Sexta nota histórica: um vendedor de frutas constantemente assediado por policiais que alegam irregularidades cometidas por ele, em busca de propina, tem seus produtos confiscados. Num momento de desespero pela situação que já se repetia e parecia insolúvel, toma a decisão de atear fogo no próprio corpo em frente ao prédio do governo. O que poderia acontecer no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, Maceió, ocorreu em dezembro de 2010 na Tunísia. Mohamed Bouazizi não foi tomado por qualquer ideal. Provavelmente não fez o cálculo do seu ato. Contudo, esse *ato*, se inscreveu não como uma mera ação desesperada, mas sim como um *ato político*, com toda a sua potência disruptiva e de ressonância. O presidente tunisiano Ben Ali, após vinte e três anos no poder, foge com menos de um mês de protestos populares. Um presidente deposto por movimentos sociais. Uma população já empobrecida, desempregada e sem esperança dava um tom de *urgência* inegável.

Em 2011, como ressonância do que ocorrera na Tunísia, vimos uma série de outros movimentos disruptivos que passaram a ser conhecidos como Primavera Árabe. O presidente do Egito Hosni Mubarak que estava há vinte nove anos no poder, acaba por renunciar em menos de um mês após os protestos. O líder líbio no poder há quarenta anos, Muammar Kadafi (ou Muammar al-

Gaddafi), em meio aos protestos ainda dizia que seu povo o amava e que iriam protegê-lo. Vale dizer que houve intervenção da OTAN, mas não é minha intenção fazer análises cuidadosas e detalhadas aqui. O fato é que em outubro do mesmo ano, antes de ser morto por aqueles que o capturaram pergunta a um deles: “o que eu fiz a você?”.

A Primavera Árabe ainda foi sentida de diferentes formas em outros países, como por exemplo na Síria, Iémen e Iraque.

Por fim, a sétima e última nota. Em janeiro de 1941 Mao Tse Tung publica um texto chamado *A nova democracia* ou *Política e Cultura da Nova Democracia*. Em linhas precariamente bem gerais, eu o resumiria da seguinte maneira: as questões nacionais e democráticas foram historicamente tratadas por revoluções burguesas. Contudo, a burguesia chinesa não tinha condições de conduzir essa revolução. Por outro lado, a China era e sempre foi agrária, e por força de síntese, diríamos, “feudal”. Ao mesmo tempo, o século XX foi marcado pelo embate entre capitalismo e socialismo. Segundo Mao, a China teria pela frente duas revoluções a serem feitas simultaneamente. Uma revolução burguesa capitalista, ou seja, democrática, superando o “feudalismo” e, ao mesmo tempo, uma revolução socialista, superando o capitalismo. Ou seja, segundo Mao a velha economia e a velha política chinesas eram responsáveis pela velha cultura, e só uma nova política e nova economia seriam capazes de produzir uma nova cultura. “Velha” e “nova política” eram os termos usados por ele na logo no início da década de 1940 – sem me desviar tanto, pode ser uma boa lembrança para termos mais cautela com significações advindas desse deslizamento apressado em torno de qualquer coisa que pareça nova.

Mao assinalada dois S1: socialismo e capitalismo ao mesmo tempo, como a condição para uma nova China. Ele mesmo não conseguiu implementar isso. Mas foram esses dois S1 que se tornaram as diretrizes da China desde 1978, inicialmente com Deng Xiaoping, de 1978 a 1992, e posteriormente com Xi Jinping, desde 1992 até o momento. Portanto, quando dizemos que a China é, de certo modo, capitalista e socialista (eu tendo a concordar com autores como Losurdo e, no Brasil, com Elias Jabbour, que a China é socialista), a segunda economia mundial e prestes a se tornar a primeira, está em conformidade com os S1 indicados por Mao em 1941.

Com isso, tentei apontar duas faces do regime das massas: constituídas em torno e a partir de um S1 e o inverso, do surgimento das massas a partir de um ponto de *urgência*, de *entusiasmo*, que pode produzir S1 com efeitos de ressonâncias, com caráter disruptivo, sob a forma de um *ato político*.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. *Lacan chinês: Poesia, Ideograma e Caligrafia Chinesa de uma Psicanálise*. 2ª ed. Maceió: EDUFAL, 2016.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Cultura, Sociedade e Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

JABBOUR, E. *China: o socialismo do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2021.

POMAR, V. *Revolução chinesa 1911-1949*. <https://youtu.be/q1kQb9RjtBg>

POMAR, W. *A revolução chinesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.